UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

**ÉMILE DURKHEIM E A EDUCAÇÃO:
REFLEXÕES INICIAIS**

KAREN CRISTIANE DOS SANTOS

MARINGÁ

2012

KAREN CRISTIANE DOS SANTOS

**ÉMILE DURKHEIM E A EDUCAÇÃO:
REFLEXÕES INICIAIS**

Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para a obtenção do título de Pedagogo pela Universidade Estadual de Maringá, sob orientação do Prof. Dr. Ademir Quintilio Lazarini.

MARINGÁ

2012

ÉMILE DURKHEIM E A EDUCAÇÃO: REFLEXÕES INICIAIS

Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para a obtenção do título de Pedagogo pela Universidade Estadual de Maringá, sob orientação do Prof. Dr. Ademir Quintilio Lazarini.

Trabalho defendido e aprovado em: 13/11/2012

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ademir Quintilio Lazarini – Orientador
Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Rosangela Aparecida Mello
Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Marcília Rosa Peroto
Universidade Estadual de Maringá

Não se mede o estudo pelo número de páginas lidas numa noite ou pela quantidade de livros lidos num semestre. Estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, meu companheiro e aos espíritos de luz por nunca terem desistido de mim. Minha mãe que nunca me faltou, a melhor mãe do mundo. Ao meu pai que segurou minha barra nos momentos mais difíceis e que pode me proporcionar a chance de concluir um curso em uma cidade até então nova, Maringá. Amo muito vocês. As minhas primas Camila e Isabela que são a luz da minha vida, sem elas nada seria tão bonito e especial. Aos meus tios, tias, primas, primos, avós e avô, as minhas amigas, a Dalva e ao Vitório. Ao André, amor da minha vida, que a mudou e continua mudando-a sempre para a melhor. Aos espíritos de luz que me deram força, coragem, determinação para que eu pudesse terminar o curso que por muitas vezes se tornou difícil, devido às condições de educação em nosso país.

Agradeço ao professor e meu orientador Professor Ademir, que me ensinou muito mais do que continha nas ementas das disciplinas, como por exemplo: postura docente, valores humanos e profissionais, devido a sua conduta sempre íntegra ao lidar com a minha pessoa. Tais considerações me fizeram convidá-lo a me orientar, não me vem à mente nenhum nome que poderia ter me ajudado tanto quanto ele. Professor muito obrigada.

Igualmente agradeço a professora Maria Angélica Francisco Olivo Lucas que me acolheu por quase três anos no projeto PIBID-Pedagogia, no qual eu aprendi muito do que sei sobre Educação Básica, Alfabetização e Letramento e a ação docente nos níveis iniciais. Agradeço ao PIBID pela oportunidade de vivenciar a realidade educacional, que apesar de todos os obstáculos que encontramos em nosso país no quesito educação, trouxe a mim uma felicidade muito grande em poder contribuir para a formação de tantos pequeninos. Lembro muito de seus sorrisos, de seus agradecimentos e lembro mais ainda dos momentos que o conhecimento deles se tornava visível.

Ressalto aqui a importância da minha banca: professora Marcília Perioto e professora Rosângela Mello que além de lerem cuidadosamente meu trabalho trouxeram a tona as mudanças necessárias, suas considerações relevantes e suas contribuições que muito enriqueceram meu trabalho. Muito obrigada professoras pela nota 10. Muito obrigada também por terem cedido seu tempo e seus conhecimentos comigo.

Agradeço a todos os professores que passaram por nossa sala nesses quatro anos, por todos os companheiros de sala que me ajudaram, apoiaram e cativaram um lugar em meu coração. Muito obrigado, vocês sabem quem são.

As minhas amigas que Maringá me proporcionou, obrigada por dividirem suas casas, suas vidas e muitas vezes seu tempo comigo.

Esse trabalho é de todos vocês.

ÉMILE DURKHEIM E A EDUCAÇÃO: REFLEXÕES INICIAIS¹

Karen Cristiane dos Santos - UEM²

Prof. Dr. Ademir Quintilio Lazarine - UEM³

RESUMO: O presente artigo se constitui no resultado da pesquisa realizada para cumprir as exigências do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo principal desse estudo foi o de compreender os fundamentos e objetivos educacionais formulados por Émile Durkheim (1858 – 1917). Este teórico foi um dos sistematizadores da sociologia e tratou da educação escolar como uma das especificidades da sua abordagem sociológica. O presente estudo teve como diretriz teórica principal a compreensão das ideias educacionais de Durkheim no conjunto da sua obra e na consideração das determinantes do contexto histórico em que ela foi produzida. Para a realização do estudo foram utilizadas obras de Durkheim (fontes primárias) e obras de comentadores de Durkheim e de autores que abordaram direta ou indiretamente o objeto de estudo em questão (fontes secundárias). A principal conclusão parcial obtida neste estudo foi a de que a educação sistematizada tem sido objeto de estudo desde que sua implantação na sociedade capitalista foi requisitada pela mesma. Durkheim traduziu as exigências educacionais de seu tempo, que ainda são muito atuais, elas ainda são exigências contemporâneas. Enfim, Durkheim por meio de suas concepções educacionais nos ajuda, cento e doze anos após seus textos escritos, a pensar sobre educação e mais do que isso, nos ajuda a construir uma identidade docente.

PALAVRA-CHAVE: Sociologia da Educação; Émile Durkheim; Educação.

ABSTRACT: This article is the result of research undertaken to meet the demands of Work of conclusion of the School of Education, in the State University of Maringá. The main objective of this study was to understand the fundamentals and educational objectives formulated by Emile Durkheim (1858 - 1917). He was one of systematizing theoretical sociology of schooling and treated as one of the peculiarities of his sociological approach. The present study had as main guideline theoretical understanding of the educational ideas of Durkheim in all of his work and in consideration of the determinants of the historical context in which it was produced. For the study we used works of Durkheim (primary sources), and works of Durkheim's commentators and authors who wrote directly or indirectly the subject of study (secondary sources). The main finding in this study was obtained partial to that education has systematically been studied since their deployment in capitalist society was ordered by the same. Durkheim translated the educational requirements of their time, they are still very current, they are still contemporary requirements. Finally, Durkheim through its educational concepts helps us, one hundred and twelve years

¹ Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para a obtenção do título de Pedagogo pela Universidade Estadual de Maringá.

² Graduanda do 4º ano no curso de Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá. Karen.cristiane@hotmail.com

³ Professor orientador do presente trabalho, lotado pelo Departamento de Fundamentos da Educação na Universidade Estadual de Maringá. aglazarini@uem

after their written texts, thinking about education and more than that, we'll help you build a teaching identity.

KEY-WORD: Sociology of Education, Émile Durkheim, Education.

1 INTRODUÇÃO

A graduação no curso de Pedagogia abrange vários fundamentos da educação, que visam fundamentar a formação de professores, como por exemplo: a Filosofia da Educação, a História da Educação, a Psicologia da Educação, dentre outros. Entre eles há, também, a Sociologia da Educação, que pretendemos nos aprofundar nesse Trabalho de Conclusão de Curso, privilegiando as concepções de educação defendidas pelo sociólogo Émile Durkheim. A escolha do tema se deu ao longo da graduação no curso de Pedagogia, sendo que nas aulas de Sociologia da Educação houve um interesse maior sobre o assunto devido a sua complexidade e singularidade histórica na nossa sociedade, além de ter sido pouco explorado em sala de aula. Por isso pretendemos construir um trabalho que entenda as origens da sociologia da educação, que facilite o seu entendimento e construa um caminho desde o surgimento e desenvolvimento da Sociologia até a criação da Sociologia da Educação e mais especificamente, as teorias de Durkheim.

Para situar o leitor, iniciaremos o trabalho escrevendo sobre o desenvolvimento da Sociologia, no início do século XIX, que entendemos ser uma ciência que investiga a sociedade e toda sua complexidade. Logo após descreveremos quem foi o Sociólogo Émile Durkheim, nosso objeto de pesquisa, e qual sua importância para a Pedagogia atual. Ao decorrer do texto iremos expor suas concepções educacionais, sociais e de homem, ideias essas que absorvemos por meio do texto do próprio autor e de renomados escritores da sociologia. Por fim concluiremos o trabalho expondo nossas considerações finais.

2 BREVE INTRODUÇÃO SOBRE A HISTÓRIA DA SOCIOLOGIA

Entendemos Sociologia, segundo Martins (1994) como uma ciência com seus próprios métodos de investigação que visa compreender e explicar as estruturas da sociedade, criando teorias para alterá-las ou mantê-las.

Uma ciência, inclusive a sociologia, não nasce apenas do pensamento de um teórico, mas sim de muitos teóricos, ideias forjadas e necessidades históricas⁴. O final do século XVIII e a primeira metade do século XIX podem ser considerados marcos decisivos para a ciência em questão. A sociedade, no momento histórico acima referido, vivia profundas mudanças econômicas, políticas e culturais e, conseqüentemente, se desenvolveram novos problemas sociais.

A Revolução Francesa e a Revolução Industrial nasceram nessa quadra histórica do século XVIII e XIX. Nesse contexto se deram elementos decisivos para a criação da Sociologia.

Vieira (1996), em seu livro *Sociologia da educação: reproduzir e transformar*, escreve que a Revolução Industrial ocorreu na Inglaterra, no último quarto do século XVIII, desenvolvendo o uso de máquinas a vapor e de máquinas de trabalho nas fábricas e o aperfeiçoamento das técnicas de produção agrícola e de transportes. Tal fato trouxe consigo o triunfo da indústria capitalista e da classe burguesa, que detinha e detém os meios fundamentais de produção a circulação e a troca sobre forma capital, gerando conseqüentemente novas formas de trabalho, jornadas maiores nas fábricas e, em regra, salários realmente baixos em relação aos das manufaturas.

Com o advento da Revolução Industrial as cidades incharam e tal aumento populacional gerou falta de infraestrutura, miséria, epidemias, prostituição e criminalidade. Nesse cenário se desenvolve o proletariado ou a classe trabalhadora moderna. Esta classe era, e continua sendo, a produtora da riqueza fundamental na sociedade burguesa, mas era e ainda é sobre ela que recaem os ônus mais pesados do desenvolvimento da sociedade capitalista. Dessa situação decorreram os seus levantes insurrecionais desde o início do século XIX, tornando-se às vezes movimentos de caráter revolucionário contra a ordem social capitalista a partir de meados do século XIX.

As contestações sobre a realidade da sociedade do final do século XVIII e começo do XIX levaram os pensadores a considerá-la importante objeto que deveria ser investigado, estudado e analisado com metodologia científica considerada adequada para tal fim, segundo os seus formuladores.

⁴ Necessidades históricas são necessidades construídas pelos homens. Em sociedades divididas em classes antagônicas, como é o caso da sociedade capitalista, as necessidades históricas postas pelas classes sociais podem adquirir caráter socialmente antagônico.

A Revolução Francesa se inicia com a mobilização de uma grande massa de trabalhadores pobres sobre o comando da burguesia. Segundo Martins (1994), eles tinham por objetivo mudar a estrutura do Estado, que até então privilegiava o domínio econômico e político da classe nobre, em detrimento de uma população de mais ou menos 23 milhões de pessoas. Os revolucionários desejavam erradicar a forma da sociedade então vigente, fundada no sistema de ordens, eles derrubaram a monarquia, levando muitos nobres guilhotina. Nesse sistema o regime absolutista controlava a produção econômica por meio das corporações de ofício e explorando a terra de maneira não capitalista e, por isso, limitando as ações da burguesia.

A Revolução Francesa lançou ideias de individualismo, secularização, racionalismo e igualitarismo, contudo, a ala conservadora da sociedade francesa alegava que tais princípios “arruinaria a ordem social, desunira os homens, sem dar liberdade aos homens.” (VIEIRA, 1996, p.13). Esses conservadores acreditavam que a revolução deixava os homens inseguros quanto à sociedade, a política e as tradições, para eles a revolução quebrava o poder "divino" da monarquia, ela era contrária ao controle moral e educacional da Igreja Católica e puniria a aristocracia. Dessa forma,

O conservadorismo europeu do século XIX, com os franceses à frente, imagina a sociedade voltada ao indivíduo e produzida pela História, entrelaçando-se os vivos com os mortos e com os que ainda chegarão ao mundo. Os antecessores de todas as épocas da História estão presentes dentro do espaço dos vivos e dos que hão de vir. As formas de vivência social não representam obras ligeiras, fabricadas de imediato, mas o esforço de gerações de pessoas, perdidas no tempo, fincadas no solo do passado. (VIEIRA, 1996, p.13)

Assim como na Inglaterra o uso de máquinas a vapor e da máquina de trabalho também se estabeleceu na França a partir de 1830 e o país viveu as mesmas crises que citamos na Inglaterra. Os trabalhadores franceses contestaram o sistema capitalista, as divisões de classes, porém foram reprimidos pelo Estado e pelos detentores do capital. Nesse sentido a Revolução Francesa triunfou se pensarmos pelo aspecto de que os princípios da alta burguesia triunfaram.

Nesse complexo e bipolarizado contexto social, a Sociologia começa a se tornar uma ciência. Houve uma multiplicidade de visões sociológicas a respeito da

sociedade, de métodos para analisá-las e esses divergentes posicionamentos deram origem a distintas sociologias.

O termo sociologia foi criado por Saint-Simon ⁵(1760-1885). Auguste Comte ⁶(1798-1857) a sistematizou e a formulou como ciência e Herbert Spencer ⁷(1820-1903) confirmou o termo. Assim como outras ciências, na Sociologia há investigações mais específicas, sem romper com sua homogeneidade. A Sociologia da Educação é uma dessas especificidades, ela se fundamenta nos conhecimentos básicos da Sociologia.

O pensamento conservador cultivava o pensamento medieval, ele considerava a sociedade de então (século XIX) em decadência, não enxergava nenhum progresso social, para ele, ela estava em total caos e era necessário uma retomada de instituições fortes, tradições e valores morais.

Os positivistas, entre eles Auguste Comte e Durkheim eram conservadores, porém acreditavam no aprimoramento da sociedade capitalista. Eles sistematizaram a ciência da Sociologia, pois defendiam a necessidade de uma ciência que restaurasse a ordem na sociedade francesa pós-revolução, uma ciência com um objeto autônomo, o social, que desvendasse as leis do progresso e do desenvolvimento social, sem se utilizar da metafísica e da teologia.

A sociologia positivista deveria orientar os rumos da indústria e da produção para que dessa forma os conflitos entre os trabalhadores e os detentores do capital fossem controlados, previstos e solucionados. Comte e Durkheim defendiam melhores condições de trabalho para os dominados a fim de abafar os seus ímpetos insurrecionais e revolucionários. Essa linha de raciocínio defendia a sociedade capitalista e trabalhava pela manutenção e desenvolvimento da estrutura social vigente.

Auguste Comte defendia a tese segundo a qual as leis da sociedade, tal qual as leis da natureza, são imutáveis. Para ele, por meio do raciocínio e da observação, é possível compreender as leis dos fenômenos sociais, como a física pode entender as leis que guiam os fenômenos físicos. Daí a denominação da sua sociologia como “Física Social”, cujo lema inaugurado por Comte é “ver para prever”.

⁵Claude-Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon, foi um filósofo e economista francês, um dos fundadores do socialismo moderno e teórico do socialismo utópico.

⁶Isidore Auguste Marie François Xavier Comte foi um filósofo francês, um dos fundadores da Sociologia e do Positivismo.

⁷ Herbert Spencer foi um filósofo inglês e um dos representantes do positivismo.

O estudo e o conhecimento das leis sociais levariam a previdência das crises sociais e dariam material para à ação conformadora. Para ele havia uma grande necessidade de ordem e progresso social na Europa, a desorganização social de então poderia se reverter em ordem e, conseqüentemente, em mais progresso.

Émile Durkheim compartilhava da ideia de ordem social de Comte, ele acreditava que a sociedade capitalista europeia estava mergulhada em um estado de anomia, ou seja, uma ausência de regras que encaminhassem os indivíduos. Enquanto Durkheim pesquisava, outra forte corrente se difundia pela Europa, as teorias socialistas científicas, formuladas por Karl Marx⁸ (1818-1883) e Friedrich Engels⁹ (1820-1895), que defendiam a tese fundamental segundo a qual a economia capitalista era a fonte de todos os problemas sociais. Durkheim não concordava com tais ideias, para ele os problemas sociais eram prioritariamente originados na frágil moral vigente. Ele defendia a disciplina rígida na sociedade industrial para neutralizar a crise social e era otimista a respeito da divisão social do trabalho capitalista, considerado por ele um elemento decisivo que poderia propiciar solidariedade entre os trabalhadores e detentores do capital. Para Durkheim a sociedade se mantém por meio da divisão social do trabalho, ela, a sociedade, prepara por meio da educação os trabalhadores de que necessita, logo se dá a diversificação da educação em consonância com as exigências sociais.

Para Durkheim,

[...] a sociologia pode alguma coisa mais e com mais proveito. Pode fornecer-nos o de que mais instantemente temos necessidade: um corpo de ideias diretrizes que sejam a alma de nosso labor, e que os sustentem, deem nítida significação à nossa atividade e nos prendam a ela. Tal condição é indispensável à proficuidade de toda e qualquer ação educativa. (1952, p.74)

Posto tais considerações, das quais creio terem situado introdutoriamente o leitor, vamos então a biografia do sociólogo Francês.

3 ÉMILE DURKHEIM, NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

⁸Segundo Tura (2006), Karl Heinrich Marx foi um intelectual e revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista moderna, atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista.

⁹Friedrich Engels foi um teórico revolucionário alemão que junto com Karl Marx fundou o chamado socialismo científico ou marxismo. Ele foi coautor de diversas obras com Marx, como o *Manifesto Comunista*. Também ajudou a publicar, após a morte de Marx, os dois últimos volumes de *O Capital*, principal obra de seu amigo e colaborador.

Afinal, quem foi Émile Durkheim? Em meio às primeiras tentativas de revoluções socialistas e instabilidade política, Durkheim foi criado. Natural de Epinal, França, nasceu no dia 15 de abril de 1858. Durante seu crescimento presenciou as consequências das revoluções de 1848, onde a grande massa da população trabalhadora se tornou centro da política francesa, da instalação da Assembleia Nacional Constituinte e da Assembleia Legislativa Nacional; da restauração do império e do começo da III República; além da Comuna de Paris, a primeira tentativa de revolução socialista da história em 1871, quando os socialistas das mais variadas vertentes e anarquistas tiraram das mãos da burguesia o poder político entre março e junho daquele ano.

O caminho intelectual que o sociólogo percorreu teve início na Escola Normal Superior de Paris, onde tomou contato com a discussão sobre a escolarização, essencial para uma França que estava expandindo o ensino público e organizando administrativamente o sistema escolar francês. Durkheim também fez estágio em laboratórios de psicologia experimental, conhecimento esse que utilizou em suas teorias futuras. Estudou história e, entre outros temas, teve contato com as teorias sociais de Comte e Marx. Teorias essas, essencialmente diferentes e contrapostas, que se pautaram na história para explicar a ordem social vigente.

Formou-se em Filosofia, em 1882, época onde o ensino primário se tornou público e obrigatório para crianças de 7 a 13 anos, na França. Em 1882 após ser aprovado em um concurso, tornou-se professor de filosofia em Sens e Saint-Quentin se aproximou das ciências sociais, de Comte e Spencer, onde estudou filosofia social e teve contato com a questão da reforma social que tinha por fim melhorar a sociedade burguesa. No início do século XX Émile Durkheim, por meio da academia, se aproximou das ciências sociais, de Comte e Spencer, onde estudou filosofia social e teve contato com a questão da reforma social que tinha por fim melhorar a sociedade burguesa. Nesse sentido,

Sua preocupação com a reforma social se dirigia para o encontro do consenso entre os diferentes segmentos sociais de um mundo marcado pela complexidade/heterogeneidade da divisão do trabalho social. (TURA, 2006, p.31)

Sua licenciatura em ciências sociais se deu em Paris entre 1885 e 1886, onde leu Marx e visitou várias universidades alemãs. Como resultado desses estudos publicou dois artigos sobre a filosofia social e ciências sociais. Em 1887 tornou-se

docente de pedagogia e ciência social na Faculdade de Letras da Universidade de Bordeaux, introduzindo a Sociologia pela primeira vez no ensino superior.

O século XIX trouxe a expansão do capitalismo, do liberalismo econômico, do fortalecimento das ciências e da tecnologia. Uma nova sociedade baseada na valorização do capital, por isso, Durkheim defendia a ideia segundo a qual: “A ciência devia servir à técnica e esta estava voltada para o progresso da indústria.” (TURA, 2006, p.28). Para Durkheim essa nova forma de vida, não obstante ao seu enorme progresso, também trazia consigo alguns grandes problemas sociais. Por isso, o sociólogo se preocupava com a educação moral, criticava o culto ao individualismo liberal, por um lado e, por outro, rejeitava a perspectiva socialista revolucionária de socialização dos meios de produção. Logo houve o desejo de unificar a sociedade burguesa em seus moldes e objetivos, baseando-se na edificação de novas instituições sociais que ensinassem uma moral correspondente aos novos tempos.

Sua tese foi defendida em 1893 sob o título “Divisão do trabalho social” e um ano após publicou “As regras do método sociológico”. Ambos são marcos de sua teoria metodológica para o estudo da sociologia. Em 1902 foi para a Sorbonne e em 1913 sua cátedra foi nomeada Ciência da Educação e Sociologia. Faleceu em 1917, em meio à Primeira Guerra Mundial.

Durkheim dedicou sua vida tanto à Sociologia quanto a Pedagogia. Em Bordéus, de 1887 a 1902, lecionou uma hora semanal de pedagogia, e seus alunos eram em sua maioria professores primários, já na Sorbonne dedicou a ela dois terços de suas aulas.

Como podemos constatar nessa primeira aproximação do estudo, o autor escolhido foi por anos formador de docentes, criou teorias para subsidiar a educação e, com isso aprimorar a sociedade capitalista, como conservador que era.

4 A CONCEPÇÃO DURKHEIMIANA DE HOMEM E SOCIEDADE: APONTAMENTOS SOBRE SEUS FUNDAMENTOS

Entre as fontes bibliográficas pesquisadas constatamos que Durkheim formulou que em cada um de nós existem dois indivíduos: o ser individual e o ser social. O primeiro contém os estados mentais, referentes a nós mesmos e a nossa vida pessoal, que só se relaciona consigo mesmo. O segundo é um sistema de ideias, sentimentos, hábitos, crenças, práticas morais, tradições, etc. O ser social, assim como o nome nos diz, é socialmente construído, não externa nossa personalidade, mas sim nossa socialização, nosso grupo pertencente, como por exemplo, as crenças religiosas, as práticas morais, as leis, as tradições, as opiniões coletivas.

O ser social não nasce conosco, nem se forma por nossa livre e espontânea vontade, pois o homem naturalmente não se subordinaria a questões que não o agradassem, ou que o fizessem sofrer, porém foi na relação social e ao decorrer de nossa evolução que adquirimos esse ser social. Segundo Durkheim, o homem criou essa formação social, que deve ser mantida para que haja uma harmonia entre os homens. A educação tem, também, por objetivo formar esse ser social, transmitir os ensinamentos morais cultivados em nossa história, que não se dão pela hereditariedade. Conforme suas palavras:

A educação não se limita a desenvolver o organismo, no sentido indicado pela natureza, a tornar tangíveis os germes, ainda não revelados, à procura de oportunidade para isso. Ela cria, no homem, um ser novo. (DURKHEIM, 1952, p.68)

Para Durkheim a educação era social, os homens, por si só, não sentem a necessidade da educação, pois assim como os animais eles podem viver e satisfazer suas necessidades biológicas apenas com o instinto. Foi por meio da socialização que despertou-se a sede de conhecimentos, pois essa socialização se tornou tão complexa que houve a necessidade de reflexão, pensamento, organização. Nesse sentido se deu a necessidade de que todos conquistassem a educação para que vivessem em harmonia social. Assim,

[...] a educação tem por objetivo superpor, ao ser que somos ao nascer, individual e associal – um ser inteiramente novo. Ela deve conduzir-nos a ultrapassar a natureza individual: só sob esta condição, a criança torna-se-à um homem. Ora, não podemos elevar-nos acima de nós mesmo, senão por esforço mais ou menos penoso. (DURKHEIM, 1952, p.42).

Pode parecer tirânica a concepção segunda a qual a sociedade impõe tal comportamento, porém o sociólogo acreditava que o próprio cidadão estaria interessado nessa submissão, pois ele, tocado pela educação se tornaria um homem melhor. Pela socialização que abrimos mão de nosso egoísmo, dominamos nossos instintos, colocamos as vontades coletivas sobre as individuais, afirmava Durkheim.

Tal socialização, afirmou Durkheim, possibilitou grandes feitos. A linguagem que é eminentemente social proporcionou a evolução científica por entre as épocas, sendo a ciência uma obra coletiva que dialoga com todos os períodos e eras. Adquirimos essa herança científica por meio da linguagem, foi ela que possibilitou que a sabedoria humana fosse acumulada e revisada. Dessa forma,

Os frutos da experiência humana são quase que integralmente conservados, graças à tradição oral, graças aos livros, aos monumentos figurados, aos utensílios e instrumentos de toda a espécie, que se transmitem de geração em geração. (DURKHEIM, 1952, p.36)

A sociedade e os indivíduos se interdependem, na visão durkheimiana, com a melhora de um o outro, também, ascende. Essa concepção harmonizadora da educação foi expressa nos seguintes termos:

[...]a ação exercida pela sociedade, especialmente através da educação, não tem por objeto, ou por efeito, comprimir o indivíduo, amesquinhá-lo, desnaturá-lo, mas ao contrário engrandecê-lo e torná-lo criatura verdadeiramente humana. (DURKHEIM, 1952, p.36)

Para ele a educação era a base de uma sociedade de classe harmônica. Porém a harmonia se estabelece onde o trabalho de todos justifique e melhore as condições de vida em geral. A educação tem esse papel, de harmonizar a sociedade, pois desenvolve os sujeitos que ela necessita para sua sobrevivência. Daí decorre a sua compreensão sobre o papel social da educação escolar:

Como a vida escolar não é senão o germe da vida social – os principais processos pelos quais uma funciona devem ser encontrados na outra. Pode-se, pois, esperar que a sociologia, ciência das instituições sociais, nos auxilie a compreender melhor o

que são as instituições pedagógicas e a conjecturar o que devam ser elas, para melhor resultado do próprio trabalho. (DURKHEIM, 1952, p.72)

O ideal pedagógico de Durkheim, do qual teremos mais esclarecimentos a seguir se explica pela estrutura social.

5 DURKHEIM E SUAS CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS: ANÁLISES APROXIMADAS

Segundo Zélia Leonel (1994) a França foi pioneira no que tange à criação de uma escola primária pública, gratuita, obrigatória, laica e universal. Tal fato se deu no final do século XIX, foi o culminar dos acontecimentos políticos, sociais e econômicos da época e ocorreu primeiramente em território francês, por conta da forma de desenvolvimento das condições sociais específicas a partir das quais se desenvolveu o capitalismo na França no século XIX e, por conseguinte, das contradições que ali emergiram. Em 1791, durante o período da Assembleia Nacional Constituinte da Revolução Francesa, se deu a primeira proposta de implantação de uma educação primária pública, universal, gratuita e laica, por meio da apresentação do Projeto de Condorcet (1743-1794). No entanto, esse projeto não foi aprovado devido a vitória das perspectivas da alta burguesia na Revolução Francesa. Quase um século depois, em 1881, a educação primária pública, gratuita, laica e universal foi implantado na França, já sob a vigência da III República e em uma situação social de grande transição e de conflitos sociais, como a expansão do comércio mundial, expansão industrial, grande embate entre a burguesia e o proletariado.

[...] tratava-se, na verdade, de defender os interesses burgueses frente a grande crise do capital, na esteira do qual seguiam as lutas comerciais por novos mercados, dificultadas pelo enfraquecimento da unidade nacional que o movimento operário provocava. Ora, se os interesses burgueses têm que passar pelo sufrágio universal e a sociedade se encontra dividida em classes antagônicas, a escola pública não pode mais ser adiada. LEONEL (1994, p, 184-185).

A Educação Primária era dirigida para a massa, já a Secundária para grupos mais reduzidos. Era última que, segundo Durkheim, mantinha a França e preparava

para o ensino superior. Esse sistema educacional tinha como objetivo disseminar a moral burguesa, a educação cívica, o nacionalismo e uma primeira preparação para o exército.

Em meio a esse novo modelo educacional e a tantas modificações sociais Durkheim observava que nas sociedades modernas não era possível ser alheio à educação escolar, pois uma criança por si só não poderia aprender as convenções sociais e científicas de que ela necessita para viver na sociedade do capital, ou talvez não em tempo hábil para servir ao mercado de trabalho. Porém, acreditamos que cabe aqui um parêntese nas concepções de Durkheim para ressaltarmos que a maioria dos trabalhos sequer necessitava de escolas para formar um trabalhador produtivo na indústria, no comércio, nos transportes, na agricultura e em diversos setores de serviços. Um pouco de cultura letrada era suficiente para os trabalhadores exerciam suas funções. Em regra, a maioria dos trabalhadores aprendia nos processos de trabalho.

A principal preocupação da burguesia com a implantação da escola obrigatória, gratuita e universal era com a conformação moral da classe trabalhadora à ordem social vigente. Claro que essa formação contribuiu industrialmente com o mercado de trabalho, mas não diretamente para formar os trabalhadores para trabalhos específicos que eles aprendiam e aprendem no próprio processo de trabalho. A burguesia estava preocupada com a conformação civil e militar da classe trabalhadora e de outros setores não proprietários dos meios fundamentais de produção, afim de que eles fossem formados para não se rebelarem contra a ordem social vigente e, ao mesmo tempo, recebessem as primeiras formações militares para lutar “por sua pátria”.

Essa sociedade que deseja manter a ordem social vigente, para Durkheim à medida que se desenvolvia, desenvolvia o homem e suas habilidades, tudo isso mérito da educação, pois cada geração era uma tábua rasa onde é impressa todo conhecimento social e científico da humanidade. Todos esses aspectos eram observáveis para o autor em questão, uma verdade verificável, ela consiste em um axioma fundamental da sociedade.

Em meio a esse sistema educacional Durkheim focalizou seus estudos a fim de aperfeiçoá-los segundo suas convicções. Muitas de suas ideias foram defendidas em cursos, palestras e livros, todos em sua maioria dirigidos a grupos docentes em formação.

Muito bebeu de nomes como Comenius¹⁰ (1592 – 1670) e Pestalozzi¹¹ (1746 – 1827). Ambos pretendiam tornar o ensino enciclopédico e elementar, a fim de privilegiar o todo educacional, para que o aluno se tornasse justo e equilibrado. Daí decorre a fundamental influência deles sobre Durkheim.

Para Durkheim, educação era um fenômeno eminentemente social, sistematizado dentro de sua sociologia. E caberia a cada sociedade estabelecer quantos sistemas educacionais ela necessita, pois acreditava ele que por meio da educação se forma os indivíduos de que tal sociedade necessita, baseando-se no ideal de homem de cada uma. Segundo seus termos:

O homem que a educação deve realizar, em cada um de nós, não é o homem que a natureza fez, mas o homem que a sociedade quer que ele seja; e ela o quer conforme o reclame a sua economia interna. (DURKHEIM, 1952, p.66)

A educação, segundo Durkheim, variava infinitamente quanto ao tempo e a maneira de se ensinar. Cada sociedade deveria possuir a educação de que necessita. Na antiga Atenas a necessidade era de se formar indivíduos de espíritos delicados, prudentes, sutis, embebidos da graça e harmonia, que adorassem o belo e os prazeres. Já os Romanos necessitavam de homens de ação, militares, que não desejassem tanto as artes e as letras. Na Idade Média havia uma educação fortemente religiosa, hoje nos deparamos predominantemente com a educação pública, laica, universal e obrigatória logo que “de que serviria a imaginar uma educação que levasse à morte a sociedade que a praticasse?” (DURKHEIM, 1952, p.27)

Tendo cada sociedade sua educação, ou educações próprias, elas civilizam seus homens, pois sem a educação eles não seriam nada mais do que animais. Segundo Durkheim, foi pela vida em sociedade e pelo trabalho que o ser humano se fez homem. Ele acreditava que pela moral, linguagem, religião e pelas ciências esse desenvolvimento humano é possibilitado. E que pela moral o homem cria suas

¹⁰ Segundo Gasparin (1994), Comenius nasceu onde hoje se encontra a República Checa, considerado o criador da didática moderna, ele propôs um sistema de ensino que tinha por lema ensinar tudo a todos, escrevia sobre o direito de todos ao conhecimento, sua principal obra foi a Didática Magna (1621-1657).

¹¹ Segundo Zanatta (2012), Pestalozzi foi um educador suíço, um dos pioneiros da pedagogia moderna, influenciou e tem influência na educação até os dias de hoje, desenvolveu uma educação que tinha a capacidade de atingir a todos em uma sociedade em que ela era para poucos.

vontades, que governa seus desejos; pela linguagem que domina suas sensações; pela religião e pela ciência que desenvolve as noções cardeais, a inteligência. Enfim,

entre as virtualidades indecisas que constituem o homem, ao nascer e a personalidade definida que ele deve tornar-se, para o desempenho na sociedade de um papel útil – a distância é muito grande. Essa distância é a educação que faz a criança percorrer. Vê-se, daí, quão vasta é a sua função. (DURKHEIM, 1952, p.41)

Para o sociólogo em questão essa civilização do homem se dava pela educação moral e a intelectual. A moral seria externa ao indivíduo e teria a função de regular a sociedade. Moral essa que se diferenciaria em cada sociedade, resultante das necessidades de cada uma. Assim não haveria moral única e universal, sua transmissão cabe aos educadores principais de cada época.

Essa moral supracitada dizia respeito, para Durkheim, às regras preestabelecidas para que, por meio delas, se moldassem as ações dos homens. Ela seria concreta, envolveria a noção de autoridade e de disciplina, dando limite aos desejos e paixões, logo que para alguns homens se tornaria árdua a tarefa de limitar tais sentimentos. Para ele a autoridade seria de muito valor, pois conteria as forças rebeldes. É importante não esqueçamos que estamos falando de um teórico conservador, que desejava manter a ordem social vigente, em uma época onde havia várias correntes socialistas lutando pela revolução social. Tal moral viria para resgatar o gosto pela coletividade, de se pensar e agir em grupo. Para tanto seguiria a necessidade de que os cidadãos entendam a razão dessa moral e não se opusessem a ela. Enfim, a inteligência moral deveria ser pertinente ao funcionamento da sociedade vigente.

A outra vertente da teoria Durkheimiana é a educação intelectual, que na escola primária se baseava em duas partes. Uma visava efetivar o seu objetivo e a outra o caminho para se alcançar tal objetivo. Quanto ao objetivo, ele pretendia definir o tipo de intelectualidade que a sociedade da época necessitava. A outra vertente era seguida pela lógica e pela psicologia. Ambas deveriam mostrar os caminhos e recursos para um melhor trabalho pedagógico, inclusive no que se diz respeito à biologia da criança, seu pensamento e como ele é constituído e desenvolvido.

O cumprimento dessas duas proposições eram os requisitos para um bom cidadão francês da época, que queira desenvolver a intelectualidade e as aptidões fundamentais para tal sociedade. Durkheim chamou esses aspectos de categorias, noções-mestras, que eram ideias ricas em conteúdo e não inatas ao homem, mas sim conquistadas por meio da educação. Tais conteúdos foram desenvolvidos ao longo do tempo e da história das ciências. O homem a ser formado para a sociedade francesa da época era aquele que as ideias mestras estavam em harmonia com as ciências fundamentais.

A transmissão desses conhecimentos é o ponto essencial para Durkheim, logo que a ciência era social e ninguém a fazia sozinho. A ciência se ensina e se aprende, e não se deveria aprendê-la apenas por sua necessidade e/ou utilidade social, mas também pelo desenvolvimento intelectual que ela permitiria. Logo,

quando, porém, a educação seja paciente e contínua, quando não procure êxitos imediatos e aparentes, mas prossiga com lentidão, buscando objetivos bem determinados, sem se deixar desviar por incidentes exteriores e circunstâncias adventícias, então chega a dispor de todos os meios necessários para influenciar profundamente a alma da criança. (DURKHEIM, 1952, p.42)

O ensino, para Durkheim, deveria se desenvolver do seu menor elemento ao maior, para uma melhor compreensão por parte do aluno. Por exemplo: na disciplina de história, para se chegar ao estudo de uma revolução, deveria se começar o ensino pelos séculos, dar a ideia da Era Cristã que se tornou um marco social e histórico pelo qual medimos o tempo, para que o aluno se localize historicamente; depois deveríamos ensinar a biografia dos envolvidos e, enfim, os acontecimentos. Porém, Durkheim explica que havia outras formas de se medir o tempo, havia outras eras e outras concepções cronológicas que deveriam ser apresentadas posteriormente aos alunos, pois o ensino primário muitas vezes requeria rapidez na formação tanto pelo fator tempo quanto eficiência.

Nessa perspectiva, pretende-se pontuar que a educação pretendida era, para o autor, una e múltipla. Múltipla porque havia tantos modos educativos quanto tantas sociedades diversas e eram variáveis entre as classes sociais. Una, pois toda ela devia conter princípios básicos e norteadores. Porém, a educação não podia depender da classe social e da geografia do aluno. Todavia, mesmo que a educação fosse igualitária em todas as classes e regiões ainda assim não seria uniforme e

igualitária, logo que para cada profissão haveria diversidade pedagógica, pois cada uma delas exigiria aptidões, conhecimentos, ideias e visões particulares que se dariam na especialização e diversificação. Tendo essas definições em vista, Durkheim dizia que apesar das especializações educacionais todas elas repousam sobre uma base comum: “não há povo em que não exista certo número de ideias, de sentimentos e de práticas que a educação deve inculcar a todas as crianças [...]” (DURKHEIM, 1952, p.30). Pois nenhuma sociedade poderia existir sem que houvesse certa homogeneidade entre seus cidadãos, e a educação tem esse intuito igualitário. Socialmente falando ela também deveria assegurar as divergências essenciais em cada profissão possível aos alunos. Por isso ela era una e múltipla.

Com esse entendimento passamos a refletir a respeito das diferenças que Durkheim fazia sobre suas concepções acerca da educação e da pedagogia. Ele entendia educação como a ação exercida junto às crianças, permanentemente, sempre que houvesse contato entre duas gerações, muitas vezes não intencional. Ela também se dava pela escola, pela igreja, pelo exemplo e por tantos outros meios. Já a pedagogia, em contrapartida, para ele, era teórica: “Essas teorias são maneiras de conceber a educação, não são maneiras de praticá-las”. (DURKHEIM, 1952, p.45). A educação era a matéria da pedagogia, ela era o meio pelo qual refletimos a respeito da educação.

A educação era objeto de pesquisa e reflexão, pois ela, para Durkheim, apresentava todas as características de uma ciência: ela dizia respeito a um conjunto de práticas, de métodos, de tradições, todos definidos, assim como outros fatos sociais. Constituiu-se então a Ciência da Educação. Mas o que o autor pensava sobre o conceito de ciência? Para ele ciência era “um conjunto qualquer de estudos” (DURKHEIM, 1952, p.46), que pudessem ser observáveis. Segundo Durkheim, uma ciência se definiria por seu objetivo, que seria o estudo de determinado fato para que se pudesse conhecê-lo de modo totalmente desinteressado. Esse era traço latente da corrente positivista.

Durkheim ressaltava que na época em que ele desenvolveu suas teorias, não era possível determinar os principais problemas de que tal ciência, da educação, deveria tratar, investigar e refletir, pois se constituía em algo novo e ainda pouco sistematizado.

Dentro da Ciência da Educação observam-se as teorias pedagógicas, que estudam especialmente os rumos da educação. A pedagogia é uma teoria prática,

ela reflete sobre os sistemas de educação a fim de oferecer ao educador uma visão teórica que o encaminhe, que subsidie sua ação.

Neste sentido, Durkheim, diz que a referida teoria prática devia ser subsidiada cientificamente, primeiramente pela ciência da educação, a fim de que o profissional pedagogo entendesse a natureza da educação, suas condições de existência e as leis que a regiam. Porém o autor sempre ressaltava que tal ciência estava até então em formação, em desenvolvimento, e ao solicitá-la poderia ser que a mesma carecesse de informações. A ciência da sociologia veio então como auxiliar pedagógico, ela de acordo com Durkheim deveria ser preponderante na determinação dos fins da educação, porém, como se tratava também de uma nova ciência possuía muitas incertezas e contradições. Segundo o sociólogo, a psicologia também poderia ser útil no trabalho do pedagogo, ela poderia auxiliar no que tange aos processos pedagógicos, pois para ele: “o psiquismo tem leis próprias que será preciso conhecer para que o possamos modificar.” (DURKHEIM, 1952, p.71). Como explicitou o autor,

[...] é a psicologia infantil que toca a solução destes problemas. Se ela é incompetente para fixar os fins – por isso que o fim da educação varia com os estados sociais – não resta a menor dúvida que desempenha papel de grande importância na constituição dos meios, isto é, do método. Mesmo quando algum processo não se possa aplicar do mesmo modo a crianças diversas, será ainda à psicologia que devemos recorrer; ela nos auxiliará a reconhecer os diversos tipos de inteligência e de caráter. (DURKHEIM, 1952, p.70)

Apesar de todas as incertezas não era possível esperar que as, até então, novas ciências se constituíssem, pois os problemas educacionais estavam postos. Nesse sentido, suas soluções não poderiam ser adiadas. De acordo com os seus termos:

O caso é este: estamos embarcados e a viagem não pode ser adiada. Em muitos pontos nosso sistema tradicional de educação não está mais em harmonia com nossas ideias e necessidades. Temos, pois, de tomar um destes dois partidos: ou bem experimentar, de qualquer forma, manter as práticas que o passado nos tenha legado, embora não atendam mais as exigências do momento; ou bem experimentar o restabelecimento da harmonia que se quebrou, pesquisando quais as modificações necessárias. (DURKHEIM, 1952, p.53)

As novas necessidades estavam batendo à porta, logo, elas deveriam ser pensadas. Então quais as transformações necessárias para supri-las? Tais respostas, segundo Durkheim, nos viriam pela reflexão. Reflexão essa que se daria por meio da pedagogia. Daí que:

Não temos, pois, outra coisa a fazer senão intentar trabalhar da melhor forma, reunindo o maior número de fatos¹² instrutivos que nos seja possível obter, procurando interpretá-los com tanto método quanto possamos, a fim de reduzir ao mínimo as possibilidades de erro. É esse o papel do pedagogo. (DURKHEIM, 1952, p.54, grifo nosso).

O trabalho do profissional da pedagogia, nas linhas teóricas de Durkheim, constituía em utilizar das ciências, ainda que novas, e toda sua consciência pessoal a serviço da reflexão acerca dos problemas educacionais, muitas vezes até mesmo prevendo os prováveis erros. Tal profissional era indispensável para a educação Durkheimiana, uma educação onde a aplicação do conhecimento torna-se indispensável.

Para situar melhor o leitor definimos então a compreensão durkheimiana de Reflexão Pedagógica. Para ele sua função não tende a substituir a prática educativa, mas sim guiá-la, esclarecê-la, auxiliá-la, remediando os problemas à medida que ocorram. O profissional pedagogo, aquele que refletia sobre a educação e o ensino deveria conhecer profundamente seu objeto de reflexão e o sistema de ensino em que estivesse inserido. Apenas dessa maneira ele estaria apto a realizar seu trabalho.

Porém, o estudo dos pontos acima citados não deveriam apenas se pautar no que se apresenta na atualidade, pois o sistema de ensino é produto histórico e por meio da história há a possibilidade de se explicá-lo e entendê-lo. A história do sistema de ensino era muitas vezes a história do próprio país, diz Durkheim. Por meio da análise histórica entendemos seus elementos objetivos, suas causas permanentes e profundas. O estudo da história do ensino se configura então em um dos primeiros conhecimentos da cultura pedagógica.

¹² Para Durkheim, o fato social é uma coisa. Algo manipulável tal qual os objetos das ciências naturais. (Ver: As regras do método sociológico).

Outro estudo que complementa essa cultura diz respeito à história das doutrinas educacionais. Doutrinas essas que, por mais novas que sejam se desenvolveram com bases remotas. Temos então, como profissionais da área da pedagogia, segundo Durkheim, que estudar desde as mais antigas doutrinas para conhecer as raízes das atuais, pois essas últimas, como disse o autor (1952, p.57) não são brilhantes improvisações. “Note-se que para dar todos os seus frutos, a história da pedagogia não deverá estar separada da história do ensino”. Afinal, as doutrinas estão ligadas ao estado e a seu sistema de ensino, elas o refletem, o combatem, contribuem para organizá-lo, na medida da necessidade. Daí que: “A cultura pedagógica deve ter, portanto, uma base histórica profunda.” (DURKHEIM, 1952, p.57).

Considerando o acima exposto analisamos que para Durkheim, era por meio da história do ensino e da pedagogia que entendemos as necessidades e objetivos educacionais de cada época e agir sob os mesmos.

5.1 O PAPEL DO PROFESSOR, SEGUNDO DURKHEIM

O transmitir conhecimentos era essencial na visão Durkheimiana. Para ele a educação atendia as necessidades existências de uma sociedade, ela era exercida pelas gerações adultas sobre as mais novas, a fim de promover a vida social. Ela tinha por objetivo desenvolver nesses indivíduos, por ela alcançados, características físicas, intelectuais e morais, pretendidos socialmente. Para Durkheim educação era a socialização da criança e a mesma tem por objetivo organizar e harmonizar o ser individual e o social de cada um.

E o professor era a figura central dessa transmissão de conhecimentos, devido à importância de sua “missão formadora”, logo há uma dominação inevitável dele sobre o aluno. Para Durkheim (1963 apud TURA, 2006, p.55) ele era o “interprete das grandes ideias morais de seu tempo e de seu país”. O professor deveria ser um cidadão que possuísse um amor pela coletividade.

Sob a autoridade do professor, desenvolvida por meio de sua superior experiência e cultura, o aluno deveria se manter em estado de passividade. Por ser um indivíduo de pouca idade seria facilmente sugestível, acessível ao exemplo, propenso a imitação. Tais considerações, para Durkheim, explicam porque o

educador deveria se constituir em uma pessoa prudente, temerosa por sua tão importante ação, logo que tudo que passa pela criança deixaria traços nela. Assim, o professor pode, poderia meio de sua ação, deixar boas ou prejudiciais marcas.

Há então a necessidade de que a moral fosse uma característica essencial de um educador na visão Durkheimiana, assim como a vontade (que provinha do desejo de se ensinar) e a confiança, aspectos fundamentais para que uma boa autoridade se configurasse em sala de aula. Com esse entendimento o autor nos diz que autoridade não era violenta, nem opressora e tampouco se manifestava se o professor não a obtivesse, ele deveria desenvolvê-la dentro de si mesmo para que depois pudesse exteriorizá-la. A mesma não deveria conter traços de orgulho, vaidade e pedanteria. Ela, a autoridade, era ou pelo menos deveria ser fruto do respeito que o professor tem pela sua função, pelo ministério. Por isso Durkheim afirmou que:

não é de fora que o mestre recebe a autoridade: é de si mesmo. Ela não pode provir senão de fé interior. É preciso que ele creia não em si, sem dúvida, não nas qualidades superiores de sua inteligência ou de seu coração, mas na missão que lhe cabe e na grandeza dessa missão. (1952, p.43).

Durkheim (1952, p.44) ainda salientou que a autoridade não era contrária a liberdade, elas não se limitavam, pelo contrário, eram correlatas, pois: “A liberdade é filha da autoridade bem compreendida.”. O professor moral era um órgão essencial para a sociedade idealizada por Durkheim (1952, p.44), o educador era o “interprete das grandes ideias morais de seu tempo e da sua terra.”.

Para Durkheim o mundo estava e ainda está em constante transformação e para atender as novas necessidades de seu momento histórico havia a urgência de se recorrer à ação reflexiva pedagógica. Logo o docente deveria conhecer profundamente seu método e, portanto, refletir sobre ele e mudá-lo ou deixá-lo se assim julgasse necessário. Disso resultou que “na reflexão encontra-se uma força antagonista da rotina, que é o obstáculo aos progressos necessários.” (DURKHEIM, 1952, p.55).

Assim como já dito a psicologia poderia ajudar na ação do pedagogo, assim com também na do professor, pois ela proporcionaria o conhecimento das leis

próprias do psiquismo, conhecimento essencial para auxiliar o reconhecimento dos diversos tipos de inteligências e adaptar o ensino a elas.

5.2 DURKHEIM: O ESTADO E A EDUCAÇÃO

Quanto ao presente tema, Durkheim acreditava que a família era o porto seguro da criança, porém quando essa faltasse era dever do Estado intervir, como auxiliar, ou mesmo como substituto. Por isso se tornou dever do Estado oportunizar que todas as crianças frequentassem a escola, mesmo aquelas que não possuíam condições financeiras para tal. O sociólogo acreditava que os pais não poderiam educar seus filhos da maneira que achassem melhor, pois se não fizessem de acordo com a necessidade social, eles não estariam capacitados para viver em harmonia social. Tais necessidades sociais são formadas em vida comum e resultam de suas necessidades religiosas, políticas, científicas, comerciais, etc.

Como Durkheim acreditava que a educação era essencial para a transformação da criança em ser social ativo e que por meio dela se desenvolvesse características únicas é claro que para ele a educação era prioridade, inclusive por parte do Estado. O Estado deveria zelar para que ato de tanta importância social ocorresse. Nesse sentido,

[...] preciso será que a educação assegure, entre os cidadãos, suficiente comunidade de ideias e de sentimentos, sem o que nenhuma sociedade subsiste; e, para que a educação possa produzir esse resultado, claro está que não pode ser inteiramente abandonada ao arbítrio dos particulares. (DURKHEIM, 1952, p.37)

Durkheim não apoiava a monopolização do ensino pelo Estado, acreditava que também deveria ser permitido à iniciativa privada atuação na educação, porém com fiscalização por parte do governo. Assim as instituições privadas não efetivariam uma educação que o autor chamava de antissocial, ou seja, que não iria de acordo com o interesse da sociedade vigente. O Estado também não deveria permitir que a maioria imponha suas ideias educacionais sobre a minoria, a escola não poderia ser propriedade de um partido. Por isso o professor não deveria formar

seus alunos de acordo com suas convicções pessoais, mas sim de acordo com a unidade moral vigente.

Tais interesses, ressaltou Durkheim, não são impostos pelo Estado, eles são construídos em sociedade, criados espontaneamente ao decorrer das relações humanas, caberia ao Estado, então, o ato de manter tais ideias. Ideias, ou como disse Durkheim, unidade moral, que também não eram unânimes, pois existiam várias divergências entre elas e até contradições.

Nessas divergências, no entanto, houve determinados princípios que para o autor são de certo modo comuns, como por exemplo o respeito à razão, à ciência e às ideias e sentimentos que baseiam a moral democrática,

é função do Estado proteger esses princípios essenciais, fazê-los ensinar em suas escolas, velar por que não fiquem ignorados pelas crianças de parte alguma, zelar pelo respeito que lhes devemos. (DURKHEIM, 1952, p.38).

O Estado que Durkheim idealizava era o que normatizava, fiscalizava e reconhecia as instituições sociais, e nos casos das instituições públicas também deveria mantê-las, aqui se inclui as instituições escolares, afim de que se assegurasse a tão sonhada harmonia social. Que para o pesquisador só seria possível se houvesse uma moral comum entre tais instituições, moral essa que visassem à permanência da sociedade vigente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de um teórico que escolheu a educação como sua fonte de pesquisa e trabalho pode sempre proporcionar conhecimentos valoráveis para aqueles que o leem, ainda mais quando se trata de formados em licenciaturas. Durkheim foi um desses teóricos que despertou interesse por sua trajetória em busca de uma educação, ao seu modo de ver, de qualidade. O nosso interesse em estudá-lo se desenvolveu à medida que percebíamos o interesse do mesmo em escrever, estudar, pensar a educação, ato pouco valorizado em nossa sociedade atual. Sua visão trouxe grandes momentos de profunda reflexão. Refletir sobre os

caminhos a seguir, sobre o que compreendemos no 4º ano e Pedagogia sobre a educação. Concordamos com Durkheim quando nos diz:

Longe de ter por objeto único ou principal o individuo e seus interesses, a educação é, acima de tudo, o meio, pelo qual a sociedade renova perpetuamente as condições de sua própria existência. (DURKHEIM, 1952, p.67)

A maioria das instituições educacionais são mantenedoras da ordem vigente, em nosso caso uma sociedade capitalista, que consideramos desumana, individualista. Porém, ela também é capaz de produzir ou desenvolver visões críticas. Por meio da educação, e da revolução, é que formamos cidadãos críticos, e muitos deles se opõem a ordem social vigente. A educação é capaz de transformar sujeitos, modificar culturas e salvar vidas. Exemplificando tal posicionamento podemos nos referir a várias pessoas que começam a questionar o porquê de certos valores morais e sociais após lerem determinados livros, frequentarem grupos de estudos e cursos dos mais diversos. Tais sujeitos podem ter lidado de maneiras diferentes com os fatos sociais, não mais apresentaram um comportamento determinado e único, mas sim foi a eles proporcionado visões críticas, visões mais fundamentadas historicamente. Esse sujeito que passou a ver a sociedade e a si mesmo de maneira crítica, por meio da educação, pode agora agir para modificá-la, ou mantê-la, conforme suas reflexões o inclinar.

Temos como exemplo o nosso curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, sucateado pelo Estado e por muitos professores, com dezenas de disciplinas fragmentadas, com pouco tempo para um aprofundamento teórico¹³, com vários docentes e discentes desinteressados nos fins da educação, mesmo aqui podemos ver florescer pensamentos críticos, mudanças teóricas e comportamentais que visem uma educação de qualidade e universal.

Durkheim nos fala sobre método, maneiras, enfim, caminhos. E o que mais quer um formando do que métodos? Caminhos? Maneiras? Perdidos em meio a várias concepções educacionais, científicas, sociais, nos vemos em um labirinto e

¹³No site da Universidade Estadual de Maringá consta que o atual curso de Pedagogia da UEM possui uma grade curricular que propõem a execução de 3.840 horas em quatro anos, em regime de um turno diário sendo os estágios em contra-turno e algumas disciplinas a distância, realizadas pela plataforma on-line. Elas estão divididas em: 39 disciplinas de 34 horas cada; 32 disciplinas de 68 horas cada; uma disciplina de 138 (TCC) e mais 200 horas que o aluno deve cursar em regime P atividades complementares. Disponível em: <http://www.pen.uem.br/html/pen/graduacao/cursos/ped.pdf>

realmente precisamos de orientação. Nosso autor escolhido nos ajudou muito a entender como se pode iniciar o pensamento sobre todas essas questões. Começar a questionar a educação com mais bases teóricas, com mais conhecimento histórico, pois concordamos com Durkheim quando nos diz que o profissional pedagogo deve buscar fontes históricas, que o mesmo deve se aprofundar em seus estudos e navegar sobre diferentes pedagogias, concepções, teorias, pois todas possuem raízes férteis, determinadas por sua sociedade.

O que dizer além da importância que o autor dá a determinante social? Quantas vezes Durkheim nos lembra de que tudo está em conexão com a sociedade e seu modo de produção, que as instituições de ensino são desenvolvidas por meio das necessidades sociais, seu motivo de ser é o de formar o homem que as mesmas necessitem?

Assim, no presente, como no passado, nosso ideal pedagógico, até nas minúcias, é obra social. É ela que nos traça o modelo do homem que devemos ser, e, nesse modelo, vem se refletir todas as particularidades de sua organização. (DURKHEIM, 1952, p.67)

Tal concepção tão latente nas ideias Durkheimianas e tão observáveis, ao nosso ponto de vista, socialmente, são tão rebatidas por tantos outros teóricos, e é nesse ponto que concordamos com Durkheim. A educação como elemento social é transformada e se transforma perante a sociedade, e essa última é regida pelo seu modo de produção, ora, assim como todos nós, vivemos de acordo com nosso modo de produção. O mesmo se cristaliza dentro de nossas atitudes desde muito cedo em nossa vida, aprendemos a viver, ou sobreviver, dentro dele. Nas Instituições de Ensino aprendemos os rudimentos do modo de produção em que estamos inseridos, aí então tomamos consciência de como somos moldados para que o mesmo se perpetue. Mas ora, muitos fizeram revoluções, tomaram o poder e mudaram o modo de produção e as bases sociais, eles não acreditavam no sistema em que viviam, as revoluções que perpetuaram criaram um novo sistema e um novo modo de produção que também é mantido por sua educação e por seus trabalhadores.

Quando o autor exprime no fim do século XIX (1952, p.58) que “A pedagogia [...] tende, dia a dia, a tornar-se função contínua da vida-social”, sentimos que sua convicção estava correta, realmente o pedagogo atualmente, que ganhou mais funções do que o pedagogo referido por Durkheim é um importante profissional da

área da educação. Que se forma, muitas vezes, com pouco investimento do governo, porém, é um dos profissionais onde mais recai os problemas educacionais, afinal, onde repousa a culpa do fracasso escolar? Da não alfabetização das nossas crianças? O pedagogo, que hoje também é o professor alfabetizador, o gestor educacional, e o formador de professores em nível médio, é um dos profissionais que mais estuda os rudimentos da educação, que busca em sua formação, assim como aconselha Durkheim, as bases filosóficas e pedagógicas mais antigas, para que possa entender a educação e agir sobre ela. “É, pois, ao estudo da sociedade que o pedagogo deve voltar-se, pois somente nele encontrará a razão de ser de suas especulações.” (DURKHEIM, 1952, p.73).

Enfim, esse foi o nosso objetivo ao longo desse trabalho estudar a história da educação, pela óptica de um educador francês do século XIX, para que possamos expandir nosso conhecimento acerca das diversas visões que os clássicos nos proporcionam sobre a educação, a fim de que melhoremos nossa prática por meio da teoria.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 3. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1952.

GASPARIN, João Luiz. **Comênio ou da arte de ensinar tudo a todos**. Campinas: Papyrus, 1994.

LEONEL, Zélia. “A educação do novo soberano”. In: _____. **Contribuição à história da escola pública**: elementos para a crítica de teoria liberal da educação. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação da Unicamp. Campinas, 1994. cap.2, p.174-210.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é sociologia**. 38. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. “Durkheim e a Educação”. In: TURA, Maria de Lourdes Rangel (org). **Sociologia para educadores**. 4. ed. Rio de Janeiro: QUARTET, 2006. cap.3, p. 25–61.

VIEIRA, Evaldo. **Sociologia da educação**: reproduzir e transformar. 3. ed. São Paulo: FTD, 1996.

ZANATTA, Beatriz Aparecida. O legado de Pestalozzi, Herbart e Dewey para as práticas pedagógicas escolares. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 106-107, jan./abr. 2012. Disponível em:

<http://eduejojs.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/18569/9810>

Acessado em: nov/2012.